

Mamm
ah

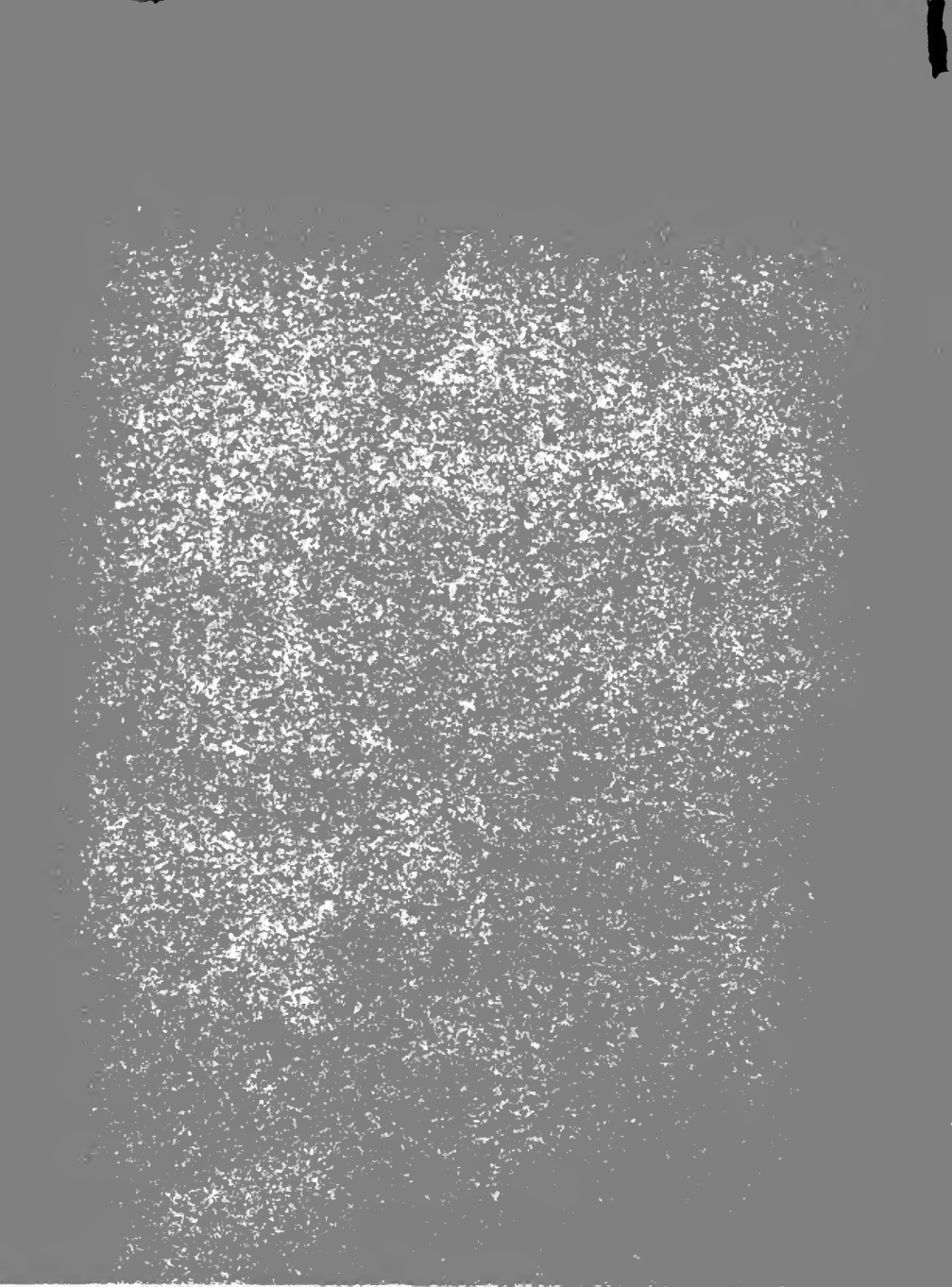
To the Academy of
Just to Philadelphia
with the compliments
17 of the author.
1.9/94



Os mamíferos do Rio Grande do Sul

PELO

Dr. Hermann von Ihering



Os mamíferos do Rio Grande do Sul

pelo

Dr. Hermann v. Ihering.

Nenhum dos outros estados do Brazil está actualmente estudado com tanto cuidado em relação aos seus mamíferos como o Rio Grande do Sul. Isto é devido primeiramente aos estudos que aqui fez o sabio *Reinhold Hensel* nos annos de 1863 a 1865. Hensel publicou como resultado de suas observações um extenso trabalho no qual enumerou, além de 12 animaes (mamíferos) domesticos, 74 especies indigenas no nosso Estado. Destas especies eliminei uma (*Dasyppus platycercus* Hens.) acrescentando uma outra, que *Hensel* não reconheceu como especie differente, e que é o *Coati-mundo*.

A lista ou enumeração actual, baseada sobre as minhas investigações de mais de 12 annos, comprehende 92 especies.

Sen duvida este numero está longe de ser completo; por isso mesmo muito estimarei si a publicação que aqui faço der novo impulso ao estudo do assumpto.

Muitas pessoas que tem interesse pela nossa historia natural poderão talvez ajudar-me com informações sobre a distribuição geographica e nomes indigenas e mesmo fornecer-me specimens de mamíferos interessantes, seja em caça, como morecos, gambásinhos, camondongos, tuco-tucos e outros, seja em pelles com o respectivo craneo.¹⁾

Além de *Hensel* e de mim occuparam-se com os nossos mamíferos os Srs. *Leche*, *A. Nehring*, *O. Thomas* e *H. Burmeister*. A elles agradeço o valioso auxilio que me prestaram e do mesmo modo ao Sr. Prof. *Theodoro Bischoff*, na Colonia do Mundo Novo, que com especial interesse e grande successo dedicou-se ao estudo dos nossos mamíferos. Devo agradecer tambem aos Srs. Dr. *L. Morsch*, no Passo Fundo, e Prof. *Chr. Enstien*, da Colonia de S. Lourenço, pelos serviços que nestes estudos me prestaram.

Certamente o resultado destas investigações seria muito mais satisfactorio si o Estado do Rio Grande do Sul fizesse por seu lado alguma cousa em seu beneficio. Para um simples particular é difficil e mesmo impossivel reunir em sua casa todo um museu.

Faltam-lhe os meios, falta-lhe lugar. No Estado Oriental e na Republica Argentina ha muitos museus provinciaes ou departamentaes, além dos grandes museus do Estado. Nos nossos estados existem tambem museus no Amazonas, Pernambuco, Bahia e S. Paulo, sendo este ultimo o unico dos estados que tem agora uma vida scientifica energica. Ao passo que outros estados, além de museus,

¹⁾ O que for a mim destinado pode ser remettido por intermedio dos Srs. Fernando Rech & Comp., no Rio Grande, ou das casas filiaes destes Srs. em Porto Alegre e Pelotas.

possuem escolas de minas, de pharmacia, polytechnicas, agronomicas, academias de medicina etc., aqui, no sul do Brazil, ao contrario, não temos nem museus, nem academias, nem escolas technicas, nem o minimo apoio official para os trabalhos scientificos. Seria muito para desejar que se fundasse em Porto Alegre um museu, que fosse o centro das investigações scientificas sobre a historia natural do Rio Grande do Sul, e isto se poderia obter com o dispendio da pequena quantia de 15:000\$000 rs. por anno, desde que se tivesse uma casa idonea para o museu.

Não inclui na lista dos nossos mamíferos os animaes importados entre os quaes ha alguns que ás vezes são encontrados fora das habitações, como o camondongo (*Mus musculus* L.) e o rato (*Mus alexandrinus* Geoff.). O rato migratorio (*Mus decumanus*) parece por emquanto limitado ás grandes cidades.

Quanto á distribuição geographica dos mamíferos reporto-me ás observações que fiz no meu trabalho sobre *As arvores do Rio Grande do Sul* (pag. 165—166, *Annuario* do Dr. Graciano de Azambuja para 1892).

A linha do Cebus, como o uosso mappa o explica, não alcança o 30º paralelo de Lat. S. Mamíferos que não vivem ao sul desta linha são os Micos (*Cebus*) e os generos *Phyllomys*, *Dactylomys*, *Sciurus*, *Lepus*. Mais para o sul estende-se a distribuição dos Bugios, que existem na Serra do Herval, mas para os quaes como para a maioria dos outros mamíferos nada consta de certo sobre os seus limites nas margens do rio Uruguay e dos seus affluentes. E' pois preciso estudar ainda a direcção da linha do *Mycetes*, i. é. do Bugio, como tambem da linha seguinte, a da Pacca, em relação ás regiões central e occidental do Estado.

A linha da Pacca que quasi se estende até o 32º Lat. S. include a Serra dos Taipés com a florescente Colonia de S. Lourenço. E' este o limite meridional da matta-virgem da região brasileira e é sem duvida por isso que alguns mamíferos tambem tem ali o seu limite meridional. Nestas condições estão a Pacca, a Cotia e a Anta e provavelmente outros sobre as quaes nada consta de certo actualmente, visto que não temos informações exactas sobre os mamíferos do Estado Oriental. E' certo, no entretanto, que grande parte de mamíferos brasileiros vivem ainda no Estado Oriental, sem passar o rio Uruguay. Ao contrario o Viscacha (*Lagostomus Trichodactylus*), commum na margem direita do rio Uruguay, falta no Estado Oriental e no Rio Grande do Sul.

E' pois evidente que o rio Uruguay representa outra linha divisora das faunas, linha que chamei do *Myrmecophaga* (Tamanduá). O que se refere aos Tamanduás applica-se tambem aos Coatis e Mão-pellada. O rio Uruguay é pois na sua parte inferior uma linha divisoria e só na provincia de Corrientes (da Repub. Argentin.) as diversas linhas de que fallei passam do Rio Grande do Sul pelo rio Uruguay de um modo sobre o qual nada consta por emquanto de determinado.

A. Marsupialia ou aplacentarios

Este grande grupo de mamíferos distingue-se dos mamíferos placentarios pela vagina dupla da fêmea e pela falta de placenta no desenvolvimento da cria. O embrião não fica até o fim do seu desenvolvimento no útero, mas nascendo em estado pouco adiantado é applicado pela mãe a uma das tétas da bolsa abdominal. Os filhotes não chupam ali o leite para a sua alimentação, mas o recebem por meio da contracção de um musculo abdominal injectado na garganta.

A bolsa ou marsupio, estendida entre os dous ossos marsupiaes, existe nas especies pequenas sómente no estado da gestação, e da maioria destas especies pequenas nem eu nem outros naturalistas tem até hoje visto fêmeas com crias na bolsa. Valeria muito a pena conservar taes raridades n'um vidro com alcool (caxaça) si alguém as encontrasse em taes condições.

Temos numero elevado de especies no nosso Estado, 2—3 sendo maiores e conhecidas sob o nome de gambás, algumas pouco maiores do que os ratos e a maioria do tamanho dos camondongos. Estes gambásinhos são raros e muitas pessoas os confundem com ratinhos de que se distinguem facilmente pela dentadura que não tem os enormes dentes incisivos dos roedores. Estou convencido de que temos ainda no Estado do Rio Grande do Sul algumas especies destes gambásinhos até agora desconhecidas, e por isso mesmo prestaria um relevante serviço ao estudo da nossa historia natural todo aquelle que conservasse em vidros com aguardente os animaes que encontrasse deste genero ou que, em falta de meios, conservasse delles o couro e o craneo (seccos) para serem enviados aos museus ou aos entendidos a fim de serem examinados.

1.) *Didelphys Azarae* Temm.

Gambá (macho) ou raposa (fêmea).

Hensel, p. 111.

Burmeister, S. U. p. 131; D. ph. p. 189.

Thomas, p. 328 (D. marsupialis var. *Azarae* Temm.)

Cope, p. 129 (D. marsupialis *Azarae* (Temm.) Thos.)

Este gambá é a unica especie que existe no Sul do Rio Grande.

Elle se encontra em duas variedades:

- 1.) com os cabellos grandes do dorso, chamados grannos, pretos.
- 2.) com os grannos em grande parte brancos.

Esta ultima variedade, que não se encontra na Republica Argentina, me parece uma especie ou variedade distincta, para a qual proponho o nome de *Didelphys Lechei* var. nov. Achei-lhe algumas diferenças no craneo; mas não sei si ellas são constantes.

Na Taquara do Mundo Novo encontrei tambem outra variedade que determinei sob o nome de *D. albiventris* e que tem toda a bar-riga branca. *Thomas* considera esta variedade como synonyma de *Azarae*, como *D. pocillotis* Wagn., *Pelzeln* e *leucotis* Wagn. Só quando tivermos no Rio Grande do Sul um museu com boa collec-

ção de pelles e de craneos pertencentes ás mesmas pelles, só então será possível estudar e liquidar esta questão com successo.

2.) *Didelphys aurita* Pr. Wied.

Burmeister, S. U. p. 130; Erl. p. 64 Taf. III.

Hensel, p. 114 (D. cancrivora Gm.)

Cope, p. 129 (D. marsupialis aurita (Wied.) Thos.)

Este gambá grande differe do precedente pela orelha escura, quasi preta, ao passo que *D. Azarae* tem a orelha carnea, quasi branca, com algumas manchas escuras. As trez riscas pretas, uma da frente e duas dos olhos são muito bem pronunciadas, contrastando com a cor ferruginosa da cara. Esta especie apparece tambem em duas variedades, uma com os grannos pretos e outra os tendo em grande parte brancos.

3.) *Didelphys Koseritzi* sp. n.

Differt a precedente capite concolore nigro-brunneo, macula sub-rotunda ochracea postoculari instructa.

E' ao Sr. *Th. Bischoff* que devo o conhecimento d'esta especie, differente da *aurita* pela falta das trez riscas longitudinaes na cara. Atraz dos olhos, entre as orelhas e o fim da bocca acha-se de cada lado uma mancha redonda de cor escuro-amarello, munida de 4—6 grannos pretos compridos. A cabeça escura é quasi preta com excepção de uma mancha amarello-parda nos beiços. Estou convencido de que o craneo tambem ha de mostrar-se differente, mas não tenho meio de o verificar porque o não possuo. Estimaria muito obter amostras desta especie, i. é. o couro e o craneo.

Tenho duvidas sobre ser esta especie identica a *D. cancrivora* (Gm.) Burm., da qual ella se distingue pelos grannos mais longos e pretos, cor e desenho differente da cara. Creio que *Cope* e *Thomas* erram quando remem todas estas especies em uma só sob o nome de *D. marsupialis*.

4.) *Metachirus opossum* L.

Guaquica.

Hensel, p. 120 (M. quica Temm.).

Burmeister, Erl. p. 70 Taf. 7 e 8 (Did. quica Temm.).

O. Thomas, Cat. p. 329.

O comprimento total de um macho ainda não velho era de 505 m/m, chegando á cauda aos 265 m/m, sendo a extremidade desta na extensão de 11 cent. branca. Tive outro exemplar com o comprimento de 570 m/m. Sua cor é escuro-cinzeno em cima e branco-amarello em baixo. Pode ser que haja duas especies parecidas; achei pelo menos grandes differenças em alguns craneos, mas como não tive as respectivas pelles, nada sei de certo.

Este bichinho, bonito e meio manso, não é raro na Colonia do

Mundo Novo. Nunca o vi, nem me consta que tenha sido encontrado no Sul do Estado, onde a especie seguinte é commum. *Montoya* diz que o nome indigena do gambá é *Guaqui*.

5.) *Metachirus crassicaudatus* Desm.

Hensel, p. 121.

Burmeister, D. ph. p. 190.

O. Thomas, Cat. p. 334.

É uma especie parecida com a precedente, mas não tem a mancha clara em cima dos olhos como aquella, possuindo a ponta da cauda branca só na extensão de 2—3 centimetros. A barriga é de cor vermelha, mas esta cor tão pronunciada enquanto o animal está vivo, desaparece logo que elle morre. Vi uma femca que tinha o comprimento total de 500 m/m, dos quaes 250 pertenciam á cauda que nos primeiros 10 cm. era grossa e pelluda, depois pellada, preto até a extremidade branca. Parece mais rara ao Norte de Porto Alegre do que no Sul do Estado, onde os camponezes bem o conhecem pelo seu caracter selvagem e feroz. Existe tambem na Colonia de S. Lourenço.

6.) *Micoureus pusillus* Desm.

Hensel, p. 124 (*Grymaeomys agilis* Burm.)

Burmeister, Erl. p. 82 Taf. XV fig. 1 (Gr. *agilis*); S. U. p. 139 (*agilis* Burm.) e p. 140 (*pusillus* Desm.).

O. Thomas, Cat. p. 348.

Um exemplar da Colonia de S. Lourenço tinha o comprimento da cabeça e corpo de 69 m/m, e da cauda de 102 m/m. A parte anterior de cor meio vermelha; os olhos se acham em duas manchas pretas. Existe em Porto Alegre e Colonia de S. Lourenço.

7.) *Peramys dimidiatus* Wagn.

Hensel, p. 122 (*M. brachyura* Hens. nec Schreb.)

Burmeister, Erl. p. 86; D. ph. p. 194 (*M. brachyura* Burm. nec Schreb.)

O. Thomas, Cat. p. 355.

O comprimento da cabeça e corpo é de 147 m/m, o da cauda de 63 m/m. Em cima é cinzento, nos lados é amarellado. É esta a especie maior dos *Peramys* do Rio Grande do Sul, que pelo rabo curto facilmente se distinguem dos *Grymaeomys* que sempre tem o rabo mais comprido do que o corpo. *Peramys* é synonymo com *Microdelphys*; applicado per *Hensel* e *Burmeister*, e assim tambem o aceito seguindo a autoridade de *O. Thomas*.

8.) *Peramys Henseli* Thomas.

Hensel, p. 123 (species intermediaria).

O. Thomas, Cat. p. 370; Diagnoses p. 159.

Comprimento da cabeça e corpo 108 m.m., do rabo 55 m.m. A côr é cinzento-amarelo, a da face côr de canella. Todas as especies descritas por *Hensel* ou achadas por mim provêm do centro deste Estado e do Norte de Porto Alegre. No Sul não achei até agora especie alguma de *Microdelphys*, mas, como são raros, é possível que outros os achem.

9.) *Peramys sorex* Hensel.

Hensel, p. 122.

O. Thomas, Cat. p. 362, Pl. IV fig. 1.

Cabeça e corpo medem 72—73 m.m., o rabo 46—41 m.m. A côr é pardo-vermelho, na garganta côr de canella, no dorso mais escuro.

10.) *Peramys Iheringi* Thomas.

O. Thomas, Diagnoses p. 159 (Did. (*Peramys*) *Iheringi*); Cat. p. 364 Pl. IV fig. 2.

Corpo e cabeça 77 m.m., o rabo 43 m.m. Três riscas longitudinaes correndo sobre o dorso tornam bem notavel esta bonita especie nova, que é muito parecida com a *M. americana* Müll. (= *tristriata* Kuhl., Burm.), porém menor. Só obtive um exemplar e esse enviado da Taquara do Mundo Novo.

11.) *Chironectes palmatus* Fisch.

Hensel, p. 120.

Os pés posteriores, nesta especie, tem entre os dedos uma membrana natatoria. A pelle, branca na barriga, é cinzenta em cima com uma risca preta longitudinal e outras riscas pretas tambem e mais largas atravessadas. Encontra-se na Costa da Serra e na Serra do Herval.

B. Placentarios

I. Ungulados

12.) *Tapirus americanus* L.

Anta.

Hensel, p. 101.

Burmeister, S. U. p. 331; D. ph. p. 486 (T. *Suillus* Blumenb.).

A anta ainda existe em algumas partes da Serra dos Taipés, mas muito poucos serão os seus indivíduos que tem de ver o seculo futuro. São mais abundantes na Serra Geral onde os caçadores distinguem duas raças, uma de côr parda que chamam anta lubuna e outra um pouco menor com o pello preto e em parte branco.

13.) *Dicotyles torquatus* Cuv.

Tatette ou porco do matto taitette.

Hensel, p. 93.

Burmeister, S. U. p. 327; D. ph. p. 473.

E' das duas qualidades de porco do matto a menor. A linha basilar do craneo, i. é. a distancia da extremidade anterior da queixada superior até o bordo anterior do foramen magnum (i. é. o buraco pelo qual passa a medula espinhal) é de 180—190 m/m., enquanto na especie seguinte mede 220—227 m/m. O tatette não é raro nas mattas da Serra Geral, mas falta no Sul do Estado.

14.) *Dicotyles labiatus* Cuv.

Porco do matto queixada branca ou tajaçú.

Hensel, p. 93.

Burmeister, S. U. p. 325; D. ph. p. 472.

Esta especie encontra-se ao Norte de Porto Alegre como tambem no Sul, na Colonia de S. Lourenço. Na Serra Geral existe uma variedade della de pello ruivo-pardo que denomino *var. rufa* e que me consta existir tambem no Norte da Repub. Argentina. Afirmam os caçadores que os porcos desta variedade são mais ferozes do que os outros. O craneo não me parece bastante diferente do craneo do *labiatus* para distinguil-o como especie; porém só fazendo comparação de mais exemplares será possível esclarecer-se e determinar-se a relação que entre elles ha. Os brasileiros os chamam *queixada-branca* e parece que o nome indigena Tajaçú ou Tanicati não é mais conhecido no nosso Estado.

15. *Cervus (Blastocerus) paludosus* Desm.

Cervo.

Hensel, p. 95.

Burmeister, S. U. p. 313; D. ph. p. 460.

O cervo já é bastante raro, mas é encontrado ainda nos banha-dos ao Norte de Porto Alegre como tambem no Sul do Estado.

16.) *Cervus (Blastocerus) campestris* Cuv.

Veado branco ou veado do campo.

Hensel, p. 96.

Burmeister, S. U. p. 314; D. ph. p. 463.

O veado campeiro acha-se no centro e no Sul do Estado, nos campos. O chifre de cerca de um pé de comprimento tem em geral trez galhos, sendo menor e mais fino do que o do cervo, que sendo velho tem 4 ou ás vezes 5—6 galhos.

Reunem-se no sub-genero *Blastocerus* os veados de chifres ramados e no genero *Coassus* os veados menores com os chifres simples.

17.) *Cervus (Coassus) rufus* F. Cuv.

Veado pardo.

Hensel, p. 97.

Burmeister, S. U. p. 316; D. ph. p. 465.

Cope, p. 148.

O veado pardo é commum nos mattos da Serra Geral e na Serra dos Taípes, como tambem o veado *virá*. O veado pardo é o maior. O seu pello offerece variedades entre as quaes sobresahe o veado preto, que deve ser muito maior do que o pardo, segundo communicação que me fez o Sr. *Th. Bischoff*. A linha basilar mede 190—200 m/m no veado pardo, 163—180 m/m no veado virá, e 153—158 m/m no bororó.

18.) *Cervus (Coassus) nemorivagus* F. Cuv.

Veado virá.

Hensel, p. 98.

Burmeister, S. U. p. 317; D. ph. p. 466 (C. simplicicornis Ill.).

19.) *Cervus (Coassus) rufinus* Puelh.

Veado bororó ou de mão curta.

Hensel, p. 99.

Burmeister, S. U. p. 319 (C. nanus Lund).

A. *Nehring*, Ueber die Cerviden von Piracicaba, Sitzungs Ber. Ges. naturf. Freunde, Berlin, 1884, p. 132.

Esta pequena especie de côr pardo-vermelho tem o comprimento de 2 pés e a altura de 1 $\frac{1}{2}$ pé. Creio que não o conheço; ao menos fui obrigado a considerar craneos de veado virá os que me enviaram como procedentes do veado bororó. Uma especie ainda menor, que vive na Rep. do Chile, tem os chifres de 35 m/m. de comprimento e a linha basilar do craneo só de 126 m/m. O veado bororó distingue-se pela mão curta dos pés. O Sr. *Bischoff* me affirmou que na Serra Geral do Rio Grande do Sul existe uma qualidade bem rara de veado bororó que não tem a mão curta e que é talvez ainda menor. Talvez seja o *C. pudu* ou outra especie parecida e até agora sem nome. Para estudar esses veados seria preciso obter o seu couro, craneo e os ossos da perna pelo menos de um lado.

Os caçadores que matarem veados bororós me prestariam assinalado serviço enviando os couros, craneos e ossos das pernas; assim puderia ser solvida esta questão de historia natural.

Os nomes indigenas dos veados parece que não são mais conhecidos no nosso Estado. Só o do virá é que subsiste. Este nome não vem de *virar*, como se creê, pelo facto de ter este veado o costume de mudar repentinamente o rumo em que corre, quando se vê perseguido. Mas vem da lingua guarany. Na Republica do Paraguay o veado virá tem ainda o velho nome «guaçu-birá». A palavra *birá* parece corrupção de *abará*. A. R. de *Montoya*, (Tesoro de

la lengua guarani, Ed. nova por *Platzmann*, Leipzig, 1876), não tem guaçú-birá, mas somente «guaçu-abará», que quer dizer veado do matto. *Ibirá* significa matto.

II. Cetaceos

20.) *Tursiops tursio* Fabr.

Boto ou peixe-boto.

Burmeister, D. ph. p. 535 (*Tursio cymodoce* Gray.).

Giebel, Die Säugethiere, Leipzig, 1859, p. 99 (*Delphinus tursio* Fabr.).

O bôto do porto do Rio Grande do Sul é a mesma especie que vive na metade septentrional do Oceano Atlantico. *Burmeister* que a considera como especificamente differente da especie européa, diz que elle entra ás vezes na bocca do Rio da Prata e que é commum na Costa do Oceano, no Estado Oriental e no Brazil. Tenho visto muitas vezes este cetaceo no Canal do Norte, perto do Rio Grande, mas nunca me foi possível obtel-o. Recebi apenas um craneo que tinha 22 dentes de cada lado na queixada. Em geral este delphinim não passa de 10 pés de comprimento.

21.) *Stenodelphis Blainvillei* Gerv.

Toninha.

Hensel, p. 110.

Burmeister, D. ph. p. 533 (*Pontoporia Blainvillii*); Annal. del Mus. publ. de Buenos Ayres, T. I p. 305 ff. e p. 389 ff. Pl. 23, 25, 28.

Obtive a toninha no Rio Grande comprando no mercado um exemplar que foi apanhado em rede por pescadores. Recebi tambem um craneo que foi encontrado na Costa da Lagoa dos Patos, perto do porto dos Taipés, ao norte da Barra do Camaquam. A toninha não vive sempre na Lagoa dos Patos, entrando somente algumas vezes do mar pelo canal do Norte. O meu exemplar tinha 101 centim. de comprimento, e a especie em geral não é maior de 3—4 pés. As queixadas compridas tem tanto em cima como em baixo 53 dentes agudos de cada lado.

III. Desdentados

22.) *Myrmecophaga jubata* L.

Tamanduá-bandeira.

Hensel, p. 109.

Burmeister, S. U. p. 305; D. ph. p. 448.

O grande tamanduá já quasi desapareceu totalmente nas partes mais habitadas do Estado. Na Serra dos Taipés, si ainda existe já é mui raro.

23.) *Myrmecophaga tetradactyla* L.

Tamanduá-mirim.

Hensel, p. 109.

Burmeister, S. U. p. 307; D. ph. p. 448.

Cope, p. 132 (*M. bivittata* Desm.).

Existe no centro como no Sul do Estado, mas também já vai se tornando raro. A razão é que o povo tem o costume de matar o todas as vezes que o vê, abuso contra o qual as leis do Estado deviam providenciar do mesmo modo por que prohibem matar os urubús ou corvos. O couro do tamanduá é de mui pouco valor, a carne não se come; não ha portanto absurdo maior do que matar constantemente animaes tão uteis como os tamanduás, que só de cupim (Termitas) e formigas se alimentam. A mesma observação cabe aqui fazer em relação ao abestruz, que no Estado Oriental é protegido pelas leis, e que aqui no Rio Grande vai diminuindo sensivelmente.

24.) *Praopus novemcinctus* L.

Tatú.

Hensel, p. 103 (*Tatusia novemcincta* L.).

Hensel, p. 105 (*Tatusia platycercus* Hensel).

Burmeister, S. U. p. 296 (*Dasypus longicaudus* Pr. Max.).

Cope, p. 134 (*Tatusia peba* Desm.).

O tatú é commum na Serra Geral como na Serra dos Taipés e também é ás vezes encontrado nos capões do Sul do Estado. Um exemplar com rabo mutilado foi descripto por *Lund* como *Dasypus uroceras* e o mesmo erro foi commettido por *Hensel*, visto que a variedade *platycercus* não me parece outra cousa mais do que um exemplar anormal com rabo mutilado no extremo. *Hensel* diz que o *Praopus platycercus* tem 5 dedos nos pés anteriores, sendo o quinto muito pequeno, mas instructo com uma unha pequêna. Como *Hensel* diz que só uma vez observou esta pretendida especie e nem *Bischoff* nem eu podemos confirmar a observação de *Hensel*, acredito que o *Das. platycercus* ha de entrar na synonymia.

25. *Praopus hybridus* Desm.

Mulita.

Hensel, p. 107.

Burmeister, D. ph. p. 432.

Burmeister, reúne no genero *Praopus* os *Dasypodidos* nos quaes os escudos cuticulares da couraça são mais numerosos do que os escudos osseos, ao passo que o *Dasypus* tem cada escudo osseo coberto só de um escudo cuticular. Os nomes de todos os nossos tatús são tomados á lingua portugueza, de sorte que não se conhece mais os nomes indígenas destes animaes na lingua guarany.

A mulita produz 8—11 filhotes e eu já chamei a attenção dos naturalistas para um factó curioso a saber, — que todos os filhotes da

mesma cria (mesma barrigada) são do mesmo sexo. Como o chorion, i. é. a pelle embrional exterior é commum a todos os embryos, é claro que todos os filhotes da mesma cria provem de um só ovo, que sendo do sexo masculino só pode produzir machos. O mesmo caso se dá ás vezes nas mulheres que parem gêmeos incluídos n'um mesmo chorion, e que são então do mesmo sexo, em outros casos os gêmeos sendo de sexo differente ou identico conforme o acaso, si elles provem de um ovo cada um, tendo então cada um o seu proprio chorion. O que se dá com a mulita acontece tambem ao tatú com a differença que o tatú não produz mais de 4—5 filhotes de cada vez. O embryo deste animal é curioso pelo facto de nascerem as unhas como os cascos do cavallo e não como as unhas do cão, signal de que os desdentados descendem de ungulados e não de ungulados.

A mulita, pois, não é sómente uma apparição agradável para os camponezes, ella é tambem interessante para a sciencia. Não ha outro mammifero com o qual mais se occupe a poesia popular. O tatú e a mulita são constantemente cantados em verso e por isto mesmo recommendo aqui aos amadores a seguinte quadrinha que encerra proposições verdadeiras:

O tatú, mais a mulita,
E' lei da sua criação,
Sendo macho não pode ter irmã,
Quando femea não pode ter irmão.

26.) *Euphraetus sexcinctus* L.

Tatú pelludo.

Burmeister, S. U. p. 290.

O tatú pelludo é o *E. sexcinctus*, como me affirmou o Sr. *Burmeister*, comparando um craneo que lhe mandei. Até agora nunca pude obter o tatú pelludo inteiro ou ao menos com a cabeça, cou-raça e pés. E' bastante difficil a distincção d'esta especie e de uma outra chamada *E. villosus* Desm. *Giebel* diz que esta ultima não tem dentes incisivos; mas *Burmeister* affirmo o contrario dando como $\frac{9-9}{10-10}$ para cada uma o numero dos dentes, dos quaes o primeiro de cima está no osso intermaxillar. *Burmeister* diz que os escudos das cintas tem 10—12 sedas no bordo posterior no *E. villosus* em vez de 2 no *E. sexdentatus*. Si o que me informam é verdade, o *D. sexcinctus* só vive e anda aos casaes, mas o *D. villosus* em varas. Não me consta si no *E. Oriental* vivem estas duas especies, pois n'este caso pode ser que no Sul do Rio Grande exista tambem o *D. villosus*, como *Hensel* (p. 108) presumia. *D. sexcinctus* é commum no Brazil. *D. villosus* é commum na Republica Argentina.

27.) *Xerurus gymnurus* Ill.

Tatú do rabo molle.

Hensel, p. 107.

Burmeister, S. U. p. 282 (*Dasybus* 12 cinctus Schreb.).

Vive como o precedente no Sul do Estado. Creio que algumas pessoas o denominam tatú canastra, mas essas se enganam, porque o verdadeiro tatú canastra (*Prionodontes gigas*) não tem o rabo molle, mas sim com couraça e tem 12—13 cintas como o tatú do rabo molle. Bastante diferente é a dentadura, pois na metade de uma queixada tem o tatú do rabo molle 8—9 dentes e o tatú canastra 22—24 dentes.

O verdadeiro tatú canastra, cuja couraça mede $2\frac{1}{3}$ pés, não existe no nosso Estado, vive no Norte do Brazil e na Republica do Paraguay.

IV. Roedores

28.) *Sciurus aestuans* L.

Caxinguelê.

Hensel, p. 26.

Burmeister, S. U. p. 146.

Tem-se encontrado este animal algumas vezes na Colonia do Mundo Novo, mas falta no Sul do Estado.

29.) *Hesperomys (Holochilus) brasiliensis* Desm.

Hensel, p. 32 (*H. vulpinus* Licht.).

? *Burmeister*, D. ph. p. 210.

Vive na Serra Geral e no Sul, onde o tenho achado nas ilhas do Rio Camaquam. Vou dar para esta e para as especies seguintes 3 medidas, das quaes a primeira é o comprimento da cabeça e corpo, a segunda o do rabo e a terceira o do pé posterior exclusive as unhas. Para esta especie estas medidas são 175—210—47 m'm.

Creio que *Burmeister* descreve sob o mesmo nome de vulpinus Licht outra especie, visto indicar 9" para cabeça e corpo, 7" para o rabo, o que representa proporções bem differentes. Quanto á especie do Rio Grande do Sul a determinação de *Hensel* e de *Thomas* para o exemplar que possui não pode soffrer duvidas.

30.) *Hesperomys (Nectomys) squamipes* Licht.

Hensel, p. 34.

Burmeister, S. U. p. 164 (*H. robustus* Burm.).

Leche, p. 690.

Este especie, que vive perto d'agua na Costa da Serra, é de tamanho parecida com a precedente, da qual differe pela membrana natatoria entre os dedos dos pés posteriores, reunindo mais ou menos os dedos, i. é. até a metade. As medidas são 190—210—48 m/m. A linha basilar do craneo 34—39 m'm.

31.) Hesperomys (Calomys) ratticeps Hens.

Hensel, p. 36.

Leche, p. 692.

Foi por mim colleccionado no Mundo Novo e em S. Lourenço. As medidas são 155—210—34 m/m. Linha basilar do craneo 25—33 m/m.

32.) Hesperomys (Calomys) bimaculatus Waterh.)

Burmeister, D. ph. p. 224.

As medidas são 75—50—20 m/m.

Achei um casal nos arredores da cidade do Rio Grande, onde o tirei do ninho, bem forrado com feno, ao qual conduzia um caminho subterraneo tubular com 1,^m50 de comprimento. A especie vive tambem na Rep. Argentina e no Estado Oriental.

33.) Hesperomys (Calomys) flavescens Waterh.

Hensel, p. 37.

Burmeister, D. ph. p. 221 (H. longicaudatus Benn.)

Leche, p. 694.

Synonymo é H. longicaudatus Bennet, como *Thomas* affirmou. As medidas são 92—115—25 ou 91—129—24 m/m., variando um pouco o comprimento do rabo. Linha basilar do craneo 19—21 m/m. É a especie mais commum no Estado. Ignoro si o H. flavescens *Burmeister* (D. ph. p. 224) é esta mesma especie ou é outra um pouco menor.

34.) Hesperomys (Oryzomys) dorsalis Hens.

Hensel, p. 42.

Leche, p. 695.

A medidas são 135—124—27 m/m., e 25 m/m. para a linha basilar do craneo conforme *Hensel*. Os exemplares que obtive no Mundo Novo tinham 130—140—27 m/m. *Leche* distingue uma variedade: *Obscura* *Leche* com o rabo mais curto do que a cabeça e craneo, e côr mais escura, ao passo que os outros tem a côr mais claro-cinzeno com uma linha escura no espinhaço.

**35.) Hesperomys (Oryzomys) laticeps Burm. var. intermedia
Leche.**

Hensel, p. 48 (H. Darwinii *Hensel* nec *Waterh.*).

Leche, p. 693.

As medidas são 125—145—32 m/m. e 27 m/m. para a linha basilar do craneo. A côr é pardo vermelha em cima, branca em baixo; tambem o rabo é de duas côres.

36.) Hesperomys (Oryzomys) pyrrhorhinus Wied.

Burmeister, S. U. p. 172.

Não encontrando as minhas notas sobre medidas, dou as de

Burmeister que são 112—190 m/m. Este animalsinho é facil de conhecer pela côr vermelho-canella do nariz e da orelha. E' provavel que esta especie descripta como existente na Bahia tenha o seu limite meridional no Rio Grande do Sul, onde vive na Costa da Serra e na Colonia de S. Lourenço.

37.) *Hesperomys (Oxymyterus) nasutus* Waterh.

Hensel, p. 43.

Burmeister, D. ph. p. 214.

Leche, p. 700.

Registrei as medidas 115—95—22 m/m. A linha basilar do craneo mede 22 m/m. Porém *Burmeister* descrevendo a mesma especie com as medidas 180—100, vem a ficar ella muito maior. Tive um exemplar com 145—95—24 m/m. Este ultimo tinha os tuberculos metatarsaes do mesmo tamanho mais ou menos, ao passo que os outros tem o tuberculo externo rudimentario e situado mais adiante. Determinei este grande individuo sob o nome de *O. rufus* Desm.; mas o Sr. *Thomas* está disposto a crer que são identicos. Será portanto necessario fazer observações sobre outros exemplares a fim de tirar a questão a limpo. O subgenero *Oxymyterus* distingue-se pela cabeça alongada e aguda, pelas unhas compridas e pela unha que existe tambem no dedo pollegar dos pés dianteiros. *Burmeister* afirma que *nasutus* e *rufus* são synonymos.

38.) *Hesperomys (Scapteromys) tumidus* Waterh.

Hensel, p. 46.

Burmeister, D. ph. p. 213.

E' esta a unica especie que nunca consegui apanhar. E' um rato de côr cinzenta quasi preta que *Hensel* achou perto de Porto Alegre. Elle dá as medidas 118—116—32 m/m. e a linha basilar 27 m/m. de um exemplar não adulto. *Burmeister* dá as medidas de 168—158—37 m/m. *Hensel* diz que o tuberculo metatarsal externo falta a esta especie, e que o dedo pollegar tem uma pequena unha.

39.) *Hesperomys (Habrothrix) arenicola* Waterh.

Hensel, p. 39.

Burmeister, D. ph. p. 216.

Leche, p. 698.

Uma das especies mais communs. A determinação de *Hensel* é correcta. A côr é cinzenta, as medidas são 96—89—23 m/m., e a linha basilar 20—24 m/m., sendo o comprimento um pouco variavel. Encontra-se na Taquara e em S. Lourenço. Registrei as medidas 100—80—24 e 105—80—22 m/m.

40.) Hesperomys (Habrothrix) obscurus Waterh.

Burmeister, D. ph. p. 217.

Aceito esta especie que confundi com a precedente, fundado na autoridade de *O. Thomas* que a reconheceu entre os exemplares de *S. Lourenço*. *Burmeister* dá como medidas desta especie, conhecida em Montevideo e Maldonado, corpo e cabeça 113—131 m/m., rabo 56—63 m/m. Na especie precedente a côr é cinzenta em cima, amarella nas costas, e nesta é mais escura quasi preta nos lados. O pé mede 23 m/m.

41.) Hesperomys (Habrothrix) subterraneus Hens.

Hensel, p. 44.

Leche, p. 697.

As medidas são 77—41—17 m/m. conforme *Hensel*. Eu notei 90—41—18 m/m. e a linha basilar 21 m/m. *Leche* descreve os exemplares do Mundo Novo como uma nova variedade (var. *Henselii* Leche), que differe nos dentes e na côr mais amarella. Não estou convencido que *Leche* tenha razão neste ponto e julgo necessario fazer mais observações para pronunciar-me definitivamente.

42.) Phyllomys dasythrix Hens.

Hensel, p. 49.

Hensel dá as medidas 180—210—35 m/m. e 39 m/m. para a linha basilar. Os cabellos compridos, i. é., grannos tem no lado anterior um pequeno sulco. A côr é parda em cima, branco-amarello-suja no ventre e branca na garganta. Vive nas arvores.

43.) Dactylomys amblyonyx Wagn.

Rato da taquara.

Hensel, p. 54.

Cope, p. 136.

Burmeister, S. U. p. 190.

A linha basilar do craneo é de 51 m/m. Este grande rato não é raro sobre as taquaras nos mattos da Serra Geral; mas não existe no Sul do Estado. Encontrei em cima de um taquaral o ninho feito de palha e folhas seccas, contendo uma femea com os seus filhotes.

44.) Ctenomys torquatus Licht.

Tuco-tuco.

Burmeister, S. U. p. 215; D. ph. p. 239.

Nehring, Ueber eine Ctenomys etc. (Ct. minutus Nehr).

O tuco-tuco é encontrado na Costa do Mar e nos campos centraes do Estado. Não pude obtel-o até agora. Ficaria agradecido

a quem n'o enviasse a fim de poder determinar a especie que *Nehring* considera como uma variedade nova do *Ct. magellanicus*.

45.) *Myopotamus coypus* Geoffr.

Ratão do banhado.

Hensel, p. 55.

Burmeister, D. ph. p. 235.

A nutria dos Argentinos. Não é raro nos banhados do Sul do Estado. A fêmea tem as tetas situadas aos lados do peito, atrás dos hombros, e isto corresponde ao costume dos filhotes de continuarem mamando mesmo quando n'agua.

46.) *Cavia aperea* Erxl.

Preyá; *Sandhaas* dos colonos allemães.

Hensel, p. 59.

Burmeister, S. U. p. 243 (*C. aperea*); D. ph. p. 269 (*C. leucopyga* Brandt.).

Cope, p. 139.

Os exemplares do Sul do Estado tem a côr da pelle da barriga cinzenta. Não creio que sejam diferentes dos do Rio da Prata e assim creio que a separação em duas especies não é exacta, sem poder comtudo decidir a questão por falta de material.

47.) *Hydrochoerus capybara* Erxl.

Capivara ou capivary.

Hensel, p. 61.

Burmeister, S. U. p. 238; D. ph. p. 264.

Cope, p. 139.

Commun em todo o Estado. Os argentinos a denominam «Carpincho», os colonos allemães «Wasserschwein.»

48.) *Coelogenys paca* L.

Paca.

Hensel, p. 58.

Burmeister, S. U. p. 227.

Cope, p. 138.

A nossa melhor caça do matto.

49.) *Dasyprocta aguti* L.

Cotia ou Aguti.

Hensel, p. 57.

Burmeister, S. U. p. 232 e 233.

Cope, p. 138 (*D. Azarae*).

Burmeister descreve *D. Azarae* e *D. Aguti* como duas especies distinctas, mas *Hensel* as reunio em uma e creio que com razão.

50.) *Sphiggurus villosus* F. Cuv.

Ouriço-caixeiro.

Hensel, p. 56.

Burmeister. S. U. p. 221.

Cope, p. 136 (*Sph. sericeus* Cope).

Cope descreve uma nova especie da qual não indica a patria, mas como elle presume que *Hensel* a confundio com *D. villosus* parece que provém do Rio Grande do Sul.

Cope diz da nova especie: em baixo sem espinhos com os cabellos como de seda, brancos menos a parte basal que é preta. Os espinhos de 36 m/m de comprimento, pretos na base, amarellos em cima. Os espinhos da cabeça e dos hombros são brancos e só no meio pretos.

Não estou por emquanto convencido de que *Cope* tenha razão, faltando explicações positivas e certas sobre as diferenças do craneo, estando assim disposto a crer que o *S. sericeus* é apenas nas cores uma variedade do *D. villosus*.

51.) *Lepus brasiliensis* L.

Coelho (ou Tapiti?).

Burmeister, S. U. p. 252.

Hensel, p. 62.

Recebi um exemplar que fôra morto perto do Passo Fundo pelo Sr. *Dr. L. Morsch*. Me affirmaram que existe tambem na Costa da Serra na região do Cahy; mas falta no Sul do Estado. No Brazil chama-se o coelho domestico — «coelho-francez». No Rio de Janeiro encontrei o *Lepus brasiliensis* no mercado, á venda, como animal de caça. Não comprehendo a razão pela qual *Hensel*, que não encontrou esta especie neste Estado, a incluiu na lista dos mamíferos do Rio Grande do Sul. Seria por causa de sua existencia no Rio de Janeiro? Elle diz que nos banhados proximos de Santa Maria ha um *gutiá dos banhados* com orelhas compridas que elle presume ser o coelho, no que aliás não posso crer. Valia pena saber o que é esta cotia dos banhados.

V. Chiropteros ou morcegos

Das 17 especies aqui mencionadas as primeiras seis (52—57) pertencem aos Phyllorhinos, caracterizados pelo appendice que tem por cima do nariz, ao passo que os outros destituídos do appendice (Gymnorhinos) pertencem ás duas familias *Brachyura* e *Vespertilionina*. Aquelles (nrs. 58—60) tem o rabo curto e em grande parte livre, os vespertilioninos (nrs. 61—68) ao contrario tem o rabo incluído na membrana interfemoral que se estende entre as pernas e rabo.

52.) Desmodus rufus Wied.

Hensel, p. 21.

Burmeister, S. U. p. 57 (D. fuscus); D. ph. p. 78 (D. mordax).

Porto Alegre e Barra do Camaquam. Não tem rabo. A dentadura é de $\frac{1}{2} + \frac{1}{1} + \frac{2}{3}$ i. é, de cada lado um dente incisivo em cima e dous em baixo, um canino e dous molares em cima, e um molar mais em baixo. Este pequeno animal é um dos mais damnhinhos entre todos que temos no Estado pelo costume de sugar sangue aos cavallos. Não conhecemos outro morecego que tenha o mesmo costume. Vivem em baixo dos telhados, onde se escondem, assim como nos ranchos abandonados, tapéras, etc. É muito conveniente que elles sejam perseguidos e mortos, de vez em quando, todos os que poderem ser agarrados.

53.) Artibeus perspicillatus (L.)

Burmeister, S. U. p. 45 (Phyllostoma perspicillatus.)

Encontrei esta especie, não rara no Rio de Janeiro, na Taquara do Mundo Novo, devendo a determinação della ao Sr. *Günther* do „British Museum“. A membrama interfemoral, desenvolvida só no meio no *Desmodus*, nesta especie é maior mas com incisura profunda no meio. Dentadura $\frac{2}{2} + \frac{1}{1} + \frac{4}{5}$.

54.) Sturnira lilium Geoffr.

Hensel, p. 21.

Burmeister, S. U. p. 49 (Phyllostoma lilium e excisum); D. ph. p. 72 (Phyllostoma lilium.)

Taquara, S. Lourenço e Camaquam. O rabo e a membrana interfemoral não existem. Dentadura $\frac{2}{2} + \frac{1}{1} + \frac{5}{5}$.

55.) Chrotopterus auritus Pet.

Hensel, p. 20.

É o gigante entre os nossos morecegos, medindo entre asas 48 centim. Dizem que tem rabo, embora pequeno; mas eu não o notei. Denta dura $\frac{2}{1} + \frac{1}{1} + \frac{5}{5}$. Santa Cruz e Colonia de S. Lourenço.

56.) Glossophaga soricina Geoffr.

Hensel, p. 2°.

Burmeister, S. U. p. 54 (Gl. amplexicaudata.)

Porto Alegre e S. Lourenço. Na superficie dorsal da membrana interfemoral observa-se o rudimento de um rabo. Dentadura $\frac{2}{2} + \frac{1}{1} + \frac{5}{6}$.

57.) Lonchoglossa caudifera Geoffr.

Hensel, p. 20.

Burmeister, S. U. p. 54; D. ph. p. 76 (Glossophaga ecaudata Geoffr.)

O nome de *Geoffroy* indica que ás vezes existe um rudimento de rabo, o que nos meus exemplares reparei tão pouco como *Burmeister* nos seus. Dentadura $\frac{2}{2} + \frac{1}{1} + \frac{6}{6}$.

58.) *Noctilio leporinus* (L.)

Hensel, p. 22.

Burmeister, S. U. p. 60; D. ph. p. 82.

Porto Alegre. No Sul não encontrei esta especie que talvez siga a linha do *Cebus*. Dentadura $\frac{2}{1} + \frac{1}{1} + \frac{4}{5}$. O beijo superior grande e um pouco pendente sobre os lados. A côr é amarella como de couro. O rabo é curto, mais curto do que a membrana interfemoral, mas livre na extremidade. Ao contrario, nos generos *Nyctinomus* e *Molossus* o rabo é comprido e pendente, livre por fóra um bom pedaço. E' por esta razão que estes dous ultimos generos formam a familia dos *Gymnura*, que tem as orelhas unidas no meio da cabeça, orelhas que são separadas e distantes na familia dos *Brachyura* á qual pertence o *Noctilio*.

59.) *Nyctinomus brasiliensis* Geoffr.

Hensel, p. 24.

Burmeister, S. U. p. 74; D. ph. p. 86 (*Dysopes naso*).

Cope, p. 131.

O beijo superior é enrugado, a dentadura é $\frac{1}{3} + \frac{1}{1} + \frac{5}{5}$. Uma das especies mais communs e distribuida desde a Patagonia até o Mexico.

60.) *Molossus obscurus* Geoffr.

Hensel, p. 24.

Burmeister, S. U. p. 71 (*Dysopes fumarius*.)

Cope, p. 131 (*M. rufus* Geoffr.)

Porto Alegre e S. Lourenço. O beijo superior é liso, a dentadura $\frac{1}{1} + \frac{1}{1} + \frac{4}{5}$.

61.) *Atalapha noveboracensis* var. *Frantzii* Dobson.

Hensel, p. 25,

Burmeister, D. ph. p. 93 (*At. bonaërens* Burm.).

A dentadura é $\frac{1}{3} + \frac{1}{1} + \frac{5}{5}$. Esta variedade distingue-se do typo somente pelas orelhas mais curtas. A membrana interfemoral é pelluda sobre toda a face dorsal. Por este caracter e pela côr ruiva ou vermelho-cinza se distingue ella das outras especies. Porto Alegre e S. Lourenço.

62.) *Atalapha cinerea* Pal. Beauv.

Hensel, p. 25 (Montevideo.)

Mundo Novo e Barra do Camaquam, A côr não é de um vermelho tão vivo como na especie precedente, que com esta muito se

parece; mas antes amarello e cinsento, sendo a ponta dos cabellos preta. No cotovelo um tufo de cabellos amarelllos.

63.) *Atalapha ega* Gerv.

Atalapha egregia Peters.

Pelotas e S. Lourenço. A côr do pello é amarello-sujo. A metade posterior da membrana interfemoral é pelluda na face dorsal. Dentadura $\frac{2}{3} + \frac{1}{1} + \frac{4}{5}$. *Burmeister* (D. ph. p. 96) diz que *At. egregia* Pet. vive na ilha de Sta. Catharina. Esta especie differa da *At. ega* pela membrana interfemoral nua no $\frac{1}{3}$ posterior. Assim ella tem nua $\frac{2}{6}$ em vez $\frac{3}{6}$ na *At. ega*, differença que se junta com uma ligeira differença de côr, porém que não julgo sufficiente para distinguil-as como especies.

64.) *Vespertilio nigricans* (Wied.) Dobson.

? *Burmeister*, D. ph. p. 97 (V. *Isidori* Gerv.)

Este pequeno morcego tem o comprimento de 70 m/m., dos quaes 33 m/m. no rabo. A largura entre azas é de 205 m/m., o braço anterior mede 34 m/m. A ponta do rabo não é livre. Pode ser que *Vespertilio Isidori* (Gerv.) *Burmeister* (D. ph. p. 97) seja uma variedade um pouco mais vermelha desta especie. Si *Dobson* tem razão identificando esta especie com a de *Wied*, é duvidoso, visto que della não se conhece a dentadura. Assim *Pelzeln* e *Burmeister* fizeram da especie de *Wied* um *Vesperugo*, genero que tem a dentadura $\frac{2}{3} + \frac{1}{1} + \frac{5}{5}$, sendo a do *Vespertilio* $\frac{2}{3} + \frac{1}{1} + \frac{6}{6}$. O genero *Vesperus* differa de *Vesperugo* pelo numero dos molares de $\frac{4}{5}$ em vez de $\frac{5}{5}$.

65.) *Vespertilio albescens* (Geoffr.) Dobs.

Hensel, p. 25 (V. *leucogaster* *Hensel* nec *Wied*.)

Não conheço esta especie um pouco maior que a precedente. O segundo e terceiro premolar superior estão situados um pouco ao lado dos outros, As ultimas $1\frac{1}{2}$ vertebraes do rabo não estão incluidas na membrana interfemoral. *Wied* attribue ao *V. leucogaster* $\frac{5}{5}$ molares.

66.) *Histiotus velatus* Geoffr.

Hensel, p. 24.

Burmeister, S. U, p. 79; D. ph. p. 101 (*Vespertilio velatus*.)

Porto Alegre e S. Lourenço. É facil de conhecer esta especie pelas orelhas enormes de 24 m/m. de comprimento. Dentadura $\frac{2}{3} + \frac{1}{1} + \frac{4}{5}$.

67.) *Vesperus Hilarii* Geoffr.

Hensel, p. 25.

Burmeister, S. U. p. 77 (V. *derasus*.)

A especie mais commum nas colonias de S. Lourenço. A orelha

é comprida e, apertada contra o rosto, attinge a ponta do queixo. O comprimento do braço anterior é de 36—41 m/m. O comprimento total do corpo e rabo é de 83 m/m., a largura entre azas 260 m/m.

68.) *Vesperus Dutertrei* Gerv.

Hensel, p. 25.

Cope, p. 131 (V. arge Cope sp. n.)

A orelha é mais curta e não attinge a ponta do queixo. O braço anterior mede 51 m/m. Creio que esta especie é identica com a que *Cope* denominou V. arge e da qual indica como comprimento total (61 + 38) 99 m/m., disendo que é pardo em cima, e mais claro em baixo e que a orelha apertada na cabeça sobrepassa os olhos. *Hensel* e eu tivemos muitos exemplares de *Vesperus* de diversas partes do Estado, e assim não me parece provavel que entre as 3 especies que somente *Cope* obteve no Rio Grande do Sul haja alguma que por nós não fosse encontrada. V. Dutertrei é a especie mais rara entre os Vespertilioninos do Estado.

VI. Carnivoros

69.) *Felis onça* L.

Tigre.

Hensel, p. 68.

Burmeister, S. U. p. 84; D. ph. p. 118.

O Jaguar ou onça, o jaguareté dos Indios, já não existe mais no Sul do Estado, nem na Costa da Serra, mas somente em Cima da Serra. Linha basilar do craneo 215 até 247 m/m.

70.) *Felis concolor* L.

Leão.

Hensel, p. 68.

Burmeister, S. U. p. 88; D. ph. p. 130.

Mesma observação que a respeito do precedente. Linha basilar do craneo 135—155 m/m. na fema (Hensel).

71.) *Felis mitis* F. Cuv.

Jaguatirica (grosse Tigerkatze).

Hensel, p. 70 (F. pardalis L.)

Burmeister, S. U. p. 86; D. ph. p. 121.

Hensel e outros reúnem o F. pardalis L. com o mitis Cuv. *Burmeister* os considera distinctos, reservando o nome de F. pardalis á do Norte da America do Sul. *Hensel* affirma que o desenho e côres variam bastante. A linha basilar do craneo no macho é de 121—136 m/m.

72.) Felis macrura Pr. Wied.

Gato do matto (Tigerkatze).

Hensel, p. 71.

Burmeister, S. U. p. 87.

Hensel tem razão quando diz que é este o gato do matto mais commum na Costa da Serra. Porém no Sul do Estado não o achei, sendo o gato do matto representado ali pelo *Felis Geoffroyi*. As manchas escuras do dorso formam aos lados riscos obliquos. O rabo é do comprimento do corpo sem a cabeça. O craneo não tem crista sagital e mede 77—83 m/m. (macho) ou 74—78 m/m. (femea.)

73.) Felis Geoffroyi D'Orb.

Gato do matto.

Hensel, p. 73 (*F. guttula* Hens.); p. 74 (*F. Guigna* Mol.)

Burmeister, D. ph. p. 124 (*F. Geoffroyi*.)

Cope, p. 144.

No tamanho parece com o precedente, porém com manchas escuras mais pequenas nos lados. Esta especie, commum no Chile e no Rio da Prata, não vai provavelmente mais ao Norte do que este Estado em sua distribuição geographica. *Hensel* julga differente um gato com as manchas pretas mais pequenas e numerosas. Parece-me provavel que seja engano e que *F. guttula* seja identico a *F. Geoffroyi*, especie que é um pouco variavel na forma do craneo nos numerosos exemplares que obtive da colonia de S. Lourenço. Linha basilar do craneo 72—77 m/m.

74.) Felis pajero Azara.

Gato palheiro.

Burmeister, D. ph. p. 128.

Em S. Lourenço perto de um banhado grande matamos uma noite este gato que determinei como *F. pajero*, determinação que me foi confirmada pelo Sr. *H. Burmeister*. Creio que este gato, vindo de Entrerios para o Sul do Rio Grande aqui é bastante raro. O comprimento total é de 85 centim., dos quaes 24 pertencem ao comprimento da cauda. *Hensel* (p. 76) presume que este gato vive no Sul do Estado; elle diz que o craneo tem uma pequena crista sagital e uma linha basilar de 83 m/m., medindo 72 m/m. nos arcos zygomáticos.

75.) Felis jaguarundi Desm.

Gato mourisco.

Hensel, p. 75.

Burmeister, S. U. p. 90; D. ph. p. 135.

Cope, p. 144 (*F. braccata* Cope).

Costa da Serra e S. Lourenço. Este gato é unicolor, pardo. *Cope* descreve uma variedade com as pernas um pouco riscadas atravez na parte superior como especie nova. Pode ser que tenhamos

no Rio Grande do Sul outro gato unicolor, de côr amarello vermelho, *F. eyra* Desm. mas nem *Hensel*, nem eu o encontramos.

76.) *Canis jubatus* Desm.

Lobo ou guará.

Hensel, p. 79.

Burmeister, S. U. p. 94; D. ph. p. 140.

Embora o guará ainda exista no Sul do Estado nos banhados grandes, não o pude ainda obter até agora, nem mesmo só o craneo. Sobre o craneo deste animal deu-se polemica entre *Burmeister* e *Nehring*, provocada por um craneo subfossil que *Burmeister* determinou como de *canis jubatus*. A linha basilar do craneo é de 200—230 m.m.

77.) *Canis Azarae* Pr. Wied.

Guaraxaim.

Hensel, p. 79.

Burmeister, S. U. p. 96; D. ph. p. 147; Erlaeuterungen p. 44 Taf. 28 e 29.

Cope, p. 140 (*C. entrerianus* Burm.).

Tenho observado bastante os nossos guaraxains e algumas vezes tenho sido levado a crer, em vista da côr, do comprimento do rabo etc., que ha duas especies, chegando sempre afinal ás conclusões de *Hensel*, isto é, que todos pertencem á mesma especie. O *Canis entrerianus* de *Burmeister*, que *Cope* aceita, não é como *Burmeister* o declara (D. ph. p. 154) senão uma combinação erronea de *C. cancrivorus* (macho) e *C. Azarae* (femea). Creio que a maioria das especies do grupo do *C. Azarae* não são mais do que variedades de côr.

78.) *Canis cancrivorus* Desm.

Guaraxaim ou cachorro do matto.

Burmeister, D. ph. p. 143, Erlaeuterungen, p. 36, pl. 27.

Observei a especie, segundo acredito na Colonia de S. Lourenço. O craneo tem a fronte mais convexa, não sendo porém tão grande como *Burmeister* o figura. Achei a dentadura conforme as medidas dadas por *Burmeister* (D. ph. p. 154). Diz elle que o comprimento total é de 91 ctm., dos quaes 23 ctm. ou mais ou menos $\frac{1}{4}$ corresponde ao rabo, i. é, ao corpo do rabo. *Hensel*, p. 81 dá medidas tão differentes das de *Burmeister* em relação á dentadura do *Canis Azarae* que a questão não me parece clara e liquida, e por emquanto não tenho material para estudal-a novamente.

79.) *Galictis barbara* Wagn.

Irára.

Hensel, p. 82.

Burmeister, S. U. p. 108; D. ph. p. 157.

Costa da Serra e Colonia de S. Lourenço. *Cope* e *Nehring* aceitam esta especie como um genero a que dão o nome Galera.

80.) *Galictis vittata* Bell.

Furão.

Hensel, p. 84.

Burmeister, S. U. p. 109; D. ph. p. 158.

Cope, p. 140.

Porto Alegre, Colonia de S. Lourenço e Campos de Camaquã. *Nehring* descreveu uma especie um pouco maior do que o furão, que elle denominou *Gal. crassidens*, que foi encontrada de Sta. Catharina para o Norte e que provavelmente tambem existirá no Norte do nosso Estado. *Galera crassidens* tem no lado interno do dente carniceiro inferior um tuberculo que falta na *G. vittata* e tem a linha basilar de 82—88 m/m. de comprimento contra 70—72 m/m. em *G. vittata*. A côr escura da barriga faz um forte contraste com os lados mais claros na *G. vittata*, mas na outra especie passa successivamente de uma côr á outra.

81.) *Mephitis suffocans* Licht.

Zorrilho.

Hensel, p. 86.

Sobre a fronte tem uma risca branca transversal, communicando-se ás duas riscas compridas, longitudinaes do corpo que acabam no principio da cauda. Linha basilar do macho 63—68 m/m. Nos campos do Sul do Estado.

82.) *Mephitis chilensis* Licht.

Zorrilho.

Hensel, p. 85.

Burmeister, D. ph. p. 163 (*M. suffocans*).

Hensel affirma que esta variedade encontrada em Cima da Serra é bem differente da especie da Campanha. A côr, bem preta, é mais lustrosa, as linhas brancas do corpo não communicam á frente e continuam até o meio da cauda. Linha basilar do macho 68—71 m/m. Inclino-me a acreditar com *Burmeister* que estas differenças de côr não correspondem a especies distinctas. Porém *Hensel* affirma que os craneos se distinguem, razão pela qual provisoriamente aceito aqui as duas especies.

83.) *Lutra paranensis* Rengger.

Lontra.

Hensel, p. 87 (*L. platensis* Watch.)

Burmeister, D. ph. p. 166.

Cope, p. 141 (L. platensis).

Nehring, Sitzungs-Ber. 1886, p. 146.

O focinho, completamente pelludo entre as ventas na especie seguinte, é pellado na lontra. Commum nos rios do Estado, assim como tambem a seguinte no Sul. A linha basilar do craneo é de 97—104 m/m. no macho.

84.) *Lutra brasiliensis* F. Cuv.

Ariranha.

Hensel, p. 90.

Burmeister, S. U. p. 113.

Nehring, Sitzungs-Ber. 1886 p. 144.

A araririnha tem os cabellos do couro mais curtos e o rabo um pouco achatado. E' animal muito grande e feroz. A linha basilar do craneo é de 139—142 m/m. no macho.

85.) *Procyon cancrivorus* Desm.

Mão pellada.

Hensel, p. 67.

Burmeister, S. U. p. 115.

Cope, p. 141.

Cope diz que os pés desta especie são todos pretos, indicando a «black-footed var. of Selater.» Commum em todo o Estado.

86.) *Nasua socialis* Pr. Weid.

Coati-mirim.

Burmeister, S. U. p. 120.

Cope, p. 142 (*Procyon nasua* L.)

Commum nos mattos do Estado, bem como a especie seguinte.

87.) *Nasua solitaria* Pr. Wied.

Coati-mundo.

Burmeister, S. U. p. 121.

Cope, p. 142 (*Procyon nasicus*).

Hensel (p. 63) e *Burmeister* (D. ph. p. 180) reúnem estas duas especies em uma só dizendo que o Coati-mundo é o macho velho. Mas o Sr. *Bischoff* obteve uma femea de Coati-mundo com 4 filhotes, da qual me offereceu o craneo. *Hensel* se limita a declarar que os diversos *Nasua* do Brazil formam uma especie com mais variabilidade no craneo do que a offerece outro qualquer carnivoro no mundo. Mesmo assim os factos não se explicam. Tive craneos de Coati-mirim macho tão velho que dos dentes pouco mais do que as raizes existiam e por outro lado tive tambem craneos de coati-mundo adulto, mas jovem ainda, com os dentes de tuberculos intactos.

Não é possível entender estes factos se não aceitando com *Reugeter, Prinz, Wied* e outros que ha duas especies diferentes. Creio que o Sr. *Bischoff* tem razão affirmando que temos tambem o *Nasua rufus* Desm. nos mattos da Costa da Serra, mais semelhante ao *N. socialis*, porém que não é commum. Darwin falla na influencia que sobre os orgãos da reproducção tem as alteraçõs do *modus vivendi* dos animaes selvagens em captiveiro e por isso convem aqui registrar um facto. Communicou-me o Dr. Graciano de Azambuja que em um hotel em Santa Maria da Bocca do Monte o Sr. L. Bortaed, que tinha em gaiola varios coatis domesticados obteve delles criação (em 1889 ou 1890).

VII. Pinnipedios

88.) *Arctocephalus falclandicus* Gray.

Lobo marinho.

A. Nehring, Ueber eine Pelzrobbe Art. ff.

Burmeister, D. ph. p. 528.

Não vive só na Costa do Rio Grande do Sul, mas entra tambem ás vezes na Lagoa dos Patos e até na foz do rio Camaquam.

A pelle tem cabellos grandes (grannos) e cabellos finos mais curtos como os da lontra. Existe na costa do Estado Oriental outra especie parecida, porém maior que tem só grannos: *Otaria jubata* Desm. *Nehring* dá como medida da linha basilar do macho jovem 159 m/m.

89.) *Otaria jubata* Desm.

Lobo marinho maior.

Burmeister, D. ph. p. 526.

Hensel, p. 91.

Hensel vio a especie em Montevideo. Vive nas costas do Estado Oriental e tambem nas do Rio Grande do Sul. Quando morava na cidade do Rio Grande me affirmaram que além do pequeno lobo do mar de cerca de 4 pés de comprimento existe outro muito maior que é um animal tão forte que apanhado no laço puchou o cavallo, que o tirava, para o mar, — o que me não parece possível para a especie precedente. O couro de 7 pés de comprimento e de 5 de largura, de que falla *Nehring*, referindo-se a observaçõs de *Bischoff* de certo provinha da *Otaria*. O Dr. Graciano de Azambuja me communica que em Torres, onde tem ido aos banhos de mar, lhe disseram que os lobos marinhos apparecem frequentemente e com mais frequencia no inverno, para se aquecerem ao sol, sobre o rochedo ou Recife que ali fica situado á distancia de uma milha da costa mais ou menos.

Devem ser muito grandes para de terra serem vistos facilmente sobre o Recife. Ali raramente vem á terra, onde no emtanto já tem sido mortos por mais de uma vez.

Espero que estas linhas servirão para dar impulso aos meus es-

tudos, pois que poderei recolher mais dados e receber craneos dos lobos da nossa costa maritima. A linha basilar do craneo é, como *Hensel* affirma, de 239 m/m. na femea e de 328 m/m. no macho.

VIII. Quadrumanos

90.) *Cebus fatuellus* L.

Mico, macaco.

Hensel, p. 18 (partim).

Burmeister, S. U. p. 25.

Cope, p. 148 (*Cebus cirrhifer* G. St. Hilaire).

Nos mattos da Costa da Serra. Temos 2—3 especies de *Cebus*, que *Hensel* confundio todas n'uma. Nesta especie o craneo do macho não tem crista sagital.

91.) *Cebus Azarae* Rengger.

Burmeister, D. ph. p. 52.

Hensel, p. 18 (*C. fatuellus* p.).

Esta especie mais rara tem os toffes sobre a fronte continuos e dirigidos para diante. A femea tem grannos brancos misturados ao pello do dorso. O craneo tem uma crista sagital no macho velho. A especie é conhecida tambem sob o nome de *C. elegans* I. Geoff. Devo as notas sobre ella ao Sr. *Bischoff*.

92.) *Myecetus ursinus* Desm.

Bugio.

Hensel, p. 12.

Burmeister, S. U. p. 22; D. ph. p. 51 (*M. fuscus* Geoffr.)

Cope, p. 148 (*M. seniculus* L.)

A femea é escura, quasi preta; o macho é vermelho. E' commum na Costa da Serra e é tambem encontrado na Serra do Herval não assim na Serra dos Taipes, onde só uma vez se mostrou um bando delles, que depois, ao que parece, se retirou outra vez sobre o rio Camaquam, pois actualmente ali não ha bugios. A distincção das especies é difficillima. *Burmeister* diz que *Myc. caraya* Azarae, o bugio preto, tem os cabellos da fronte dirigidos para traz e os da região occipital dirigidos para adiante. Forma-se assim sobre o vertice da cabeça uma linha transversal de cabello ouriçado que deve existir tambem em *Myc. seniculus*, mas que nunca notei nos bugios da Costa da Serra, que creio todos pertencentes a uma só especie. E' provavel que *Mycetes caraya*, que vive em Corrientes, exista tambem na região visinha do nosso Estado, i. é. no Alto Uruguay. Isto poder-se-hia decidir facilmente si me fossem remettdospelles e craneos.

A litteratura principal sobre os mamíferos do Sul do Brazil e especialmente do Rio Grande do Sul é a seguinte:

- Burmeister, H.* — Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens. I. Säugethiere. Berlin. 1854 (abrev. S. U.).
- Burmeister, H.* — Description physique de la Republique Argentine. Tom III. Mamifères. Buenos Ayres. 1879 (abrev. D. ph.).
- Burmeister, H.* — Erläuterungen zur Fauna Brasiliens. Berlin 1856.
- Cope, E. D.* — On the Mamalia obtained by the Naturalist exploring Expedition to Southern Brazil. American Naturalist Febr. 1889 p. 128—150.
- Hensel, R.* — Beiträge zur Kenntniss der Säugethiere Süd-Brasiliens. Berlin. 1872 (Abhandlungen der K. Akademie der Wissenschaften, Phys. Kl. 1872).
- Hensel, R.* — Beiträge zur Kenntniss der Thierwelt Brasiliens. No periódico «Der Zoologische Garten», Frankfurt a. M. nos annos 1867—1879, a saber:
- VIII Jahrg. 1867 — N.º 8 Didelphidos; n.º 10 Monos.
- X Jahrg. 1869 — N.º 1 e 2 Monos, n.º 5 Chiropteros, N.º 11 Lutra, Felis.
- XIII Jahrg. 1872 — N.ºs 1—3 Canis, Roedores, N.º 5—6 Desdentados.
- XVII Jahrg. 1876 — N.º 2—3. Gado vaccum.
- XX Jahrg. 1879. N.º 1 Veados.
- Este trabalho trata dos costumes, modo de viver (biologia), ao passo que o precedente se occupa com anatomia e classificação.
- v. Ihering, H.* — Zur Kenntniss der brasilianischen Mäuse und Mäusesplagen. Kosmos, 1885 II Band p. 423—437.
- v. Ihering, H.* — Ueber die Fortpflanzung der Gürtel-Thiere Sitzungs-Ber. d. Preuss. Akad. Wissensch. 26 nov. 1885. p. 1031 ff.
- v. Ihering, H.* — Ueber «Generationswechsel» bei Säugethiern. Archiv. f. Anatom. u. Physiol., Abth. Phys., 1886, p. 443—450.
- v. Ihering, H.* — Ueber die Hausratten Brasiliens. Sitzungs-Ber. der Ges. naturf. Freunde zu Berlin, 1886, p. 102—107.
- Leche, W.* — Ueber einige südbrasilianische Hesperomys-Arten. Zoologische Jahrbücher. Bd. I Jena. 1887. p. 687—701. Taf. XVI.
- Nehring, A.* — Ueber Lutra brasiliensis, Galictis etc. Sitzungs-Ber. Ges. naturf. Freunde. Berlin. 1886. p. 144—152.
- Nehring, A.* — Ueber eine Ctenomys-Art aus Rio Grande do Sul. Sitzungs. Ber. Ges. naturf. Freunde. Berlin. 1887, p. 45—47.
- Nehring, A.* — Ueber eine Pelzrobbe Art an der Küste Süd-Brasiliens. Archiv. f. Naturgesch. — 1887. Bd. I p. 75—95, Taf. II e Sitzungs. Ber. I. c. 1887. p. 142—143.
- Thomas, O.* — Diagnoses of four new Species of Didelphys. Ann. and Magazine of Nat. Hist. 1888. p. 158—159.
- Thomas, O.* — Catalogue of the Marsupialia and Monotremata in the British Museum. London. 1888.

Rio Grande do Sul, 20. IV. 1892.

